



EDUCAÇÃO

V.8 • N.2 • Março - 2020

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n2p31-46

UM *MATCH* COM OS CONSERVADORISMOS: MASCULINIDADES DESAFIADAS NAS RELAÇÕES HETEROSSEXUAIS POR MEIOS DIGITAIS

A MATCH WITH CONSERVATISM: MASCULINITIES CHALLENGED
IN HETEROSEXUAL RELATIONSHIPS BY DIGITAL MEDIA

UM MATCH CON LOS CONSERVADORISMOS: LAS
MASCULINIDADES CUESTIONADAS EN LAS RELACIONES
HETEROSEXUALES POR MEDIOS DIGITALES

Larissa Pelúcio¹

DOSSIÊ:

"CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CIBERCULTURA: MODOS DE
CONHECER, PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E REDES EDUCATIVAS"

RESUMO

Neste artigo apresento resultados parciais de pesquisa etnográfica realizada no fluxo online/off-line, entre homens heterossexuais usuários de aplicativos móveis voltados para relacionamentos amorosos/sexuais (Adote um Cara, Happn e Tinder). Interessou-me compreender como, por meio das comunicações digitais, homens entre 29 e 60 anos, estão lidando com seus afetos diante da inflexão feminista vivida pelo País nas últimas duas décadas. A partir de interlocução direta com esses homens foi possível perceber que muitos deles, apesar de reconhecerem as mudanças comportamentais como positivas, têm encontrado dificuldades para lidar com os avanços da agenda feminista, que os força a reposicionar seus desejos e rever valores relativos às masculinidades. Os homens mostraram-se conscientes das estruturas machistas que orientam a própria constituição de masculinidades, o que não implicou em transformações efetivas na maneira de se comportarem nas relações com mulheres. Porém, essa consciência os tem levado a refletir sobre questões de gênero e sexualidade, o que muitas vezes revela o desejo de conservarem comportamentos tradicionais no campo dos afetos. Tarefa que têm se mostrado árdua, desafiados que estão pelas suas pretendentes e por todo um entorno no qual o político tem se revelado altamente pessoal.

PALAVRAS-CHAVE

Masculinidades. Aplicativos Móveis para Relacionamentos. Inflexão Feminista. Tecnologias Digitais.

ABSTRACT

In this article I present partial results of ethnographic research carried out in the online/off-line flow, among heterosexual men who use mobile apps aimed at love/sexual relationships (Adopt one guy, Happn and Tinder). I was interested in understanding how, through digital communications, men between the ages of 29 and 60 are dealing with their affections in the face of the feminist inflection experienced by the country in the last two decades. From direct interlocution with these men it was possible to realize that many of them, despite recognizing the behavioral changes as positive, have found it difficult to deal with the advances of the feminist agenda, which forces them to reposition their desires and review values related to masculinities. Men have shown that they are aware of the macho structures that guide the very constitution of masculinities, which has not implied effective transformations in the way they behave in their relations with women. However, this awareness has led them to reflect on issues of gender and sexuality, which often reveals the desire to preserve traditional behaviors in the field of affections. Tasks that have proven to be arduous, challenged by their suitors and by a whole environment in which the politician has been highly personal.

KEYWORDS

Masculinities. Mobile Apps for Relationships. Feminist Inflection. Digital Technologies

RESUMEN

En este artículo presento resultados parciales de investigación etnográfica realizada en el flujo *online/offline*, entre hombres heterosexuales que utilizan aplicaciones móviles dirigidas a relaciones amorosas/sexuales (Adopta un Tío, Happn y Tinder). Interesábame entender cómo, vía comunicaciones digitales, los hombres de entre 29 y 60 años están tratando sus afectos frente a la inflexión feminista que ha experimentado el Brasil en las últimas dos décadas. A partir de la interlocución directa con estos hombres fue posible darse cuenta de que, muchos de ellos, a pesar de reconocer los cambios de comportamiento como positivos, han tenido dificultades para lidiar con los avances en la agenda feminista, lo que les obliga a repositionar sus deseos y a revisar los valores relacionados con las masculinidades. Los hombres han demostrado que son conscientes de las estructuras machistas que guían la propia constitución de las masculinidades, lo que no ha implicado transformaciones efectivas en la forma en que se comportan en sus relaciones con las mujeres. Sin embargo, esta conciencia los ha llevado a reflexionar sobre cuestiones de género y sexualidad, lo que a menudo revela el deseo de preservar los comportamientos tradicionales en el campo de las afecciones. Tareas que han demostrado ser arduas, desafiadas por sus pretendientes y por todo un entorno en el que el político ha sido muy personal.

PALABRAS CLAVES

Masculinities. Mobile Apps for Relationships. Feminist Inflection. Digital Technologies

1 INTRODUÇÃO

Quando tudo isso começou eu estava à procura de homens e não de amor. Interessava-me compreender como eles estavam construindo, por meio das comunicações digitais seus afetos, medos, interesses e, mesmo, paixões “em um mundo questionado pelo feminismo, pelo movimento gay, pelos estudos de gênero e pela teoria queer?” (FRANCO, 2015, p. 45). Interessava-me a intimidade dos homens heterossexuais desafiados em suas vidas privadas pelas inflexões feministas pelas quais o país passou na última década, bem como pelas mudanças do perfil sócio- demográfico das mulheres brasileiras, agora mais escolarizadas, com melhor empregabilidade do que muitos homens e que têm adiado a maternidade a fim de priorizarem a vida profissional².

Para isso, abri perfis pessoais em aplicativos móveis (apps) para encontros sexuais/amorosos que se valem da geolocalização e de algoritmos para “indicar” a usuários/as possíveis pretendentes. Anuncie-me como pesquisadora: “Antropóloga pesquisando masculinidades, tecnologias e afetos. Quer colaborar?”. Por meio da interlocução direta com homens que mantinham perfis nos aplicativos, foi possível perceber como eles estavam negociando afetos e lindando com as normas hegemônicas de masculinidades em interações com mulheres que, mais do que eles vinham experimentando um cenário de profundas mudanças sociais e culturais, o que as fez mais exigentes em relação a possíveis companheiros sexuais/amorosos como mostram Maria Aparecida Jardim e Paulo Moura (2017).

Desafiados por este cenário no qual, segundo conduzida pela Fundação Perseu Abramo, entre 2001 a 2010, houve aumento expressivo do

Contingente de brasileiras que se considera feminista [21% para 31%]. E metade das mulheres que se consideram ou não feministas tem visão positiva do feminismo, identificando-o com a luta por igualdade de direitos em geral (27%), por liberdade e independência das mulheres (26%) e por direitos iguais no mercado de trabalho (7%). A pesquisa mostrou ainda que as mulheres jovens são as que mais se declaram feministas. Quarenta por cento das jovens entre 15 e 17 anos, a faixa etária mais jovem da amostra, se consideram feministas, seguidas das jovens de 25 a 34 anos, com 37% de identificação, e, em último lugar, as mulheres maiores de 60 anos com 23%. (ABRAMO, 2010 apud GOMES; SORJ, 2014, p. 434).

² A pesquisa do IBGE “Estatísticas de Gênero - Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010” revelou que a escolaridade das mulheres aumentou em relação à dos homens. [...] As Estatísticas evidenciam que, no ensino médio, houve aumento da frequência escolar feminina de 9,8% em relação à masculina no período considerado. A taxa feminina foi de 52,2%, para uma taxa masculina de 42,4%. [...] Constatou-se também um contingente maior de mulheres entre os universitários de 18 a 24 anos no nível superior, em 2010. Elas representavam 57,1% do total de estudantes na faixa etária. Consequentemente, o nível educacional das mulheres é maior do que o dos homens na faixa etária dos 25 anos ou mais (<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/11/escolaridade-das-mulheres-aumenta-em-relacao-aos-homens>). Em 2016, dados do IBGE mostram que 44% dos postos formais de trabalho estavam ocupados por mulheres. O levantamento aponta um crescimento na ocupação formal por mulheres entre 30 e 39 anos (43,8%) e entre 50 e 64 anos (64,3%). “Os setores em que o percentual de mulheres ocupadas é superior ao dos homens são administração pública e serviços” (<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/03/mulheres-ganham-espaco-no-mercado-de-trabalho>).

Muitos de meus interlocutores não hesitaram em reconhecer que essas mudanças estruturais, pessoais e subjetivas os desestabilizavam, provocando dúvidas e, no limite, recusas a comportamentos femininos que expressassem essas reconfigurações na ordem binária e heteronormativa dos gêneros. Naturalizado, o gênero costuma ser visto como uma norma regulatória apreendida a partir de pedagogias culturais presentes em instituições como a família, a escola, religiões e nas teias do Estado (LOURO, 2008, p. 22).

Louro (2012) explica que existe um trabalho pedagógico e contínuo posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade. São práticas sutis que arregimentam os próprios sujeitos na produção de gênero em seus corpos. Ainda que nem sempre de maneira evidente e consciente, há um investimento continuado de suas formas de ser ou "jeitos de viver" seu gênero. (LUZZARDI; ZAGO, 2016, s.p.).

De forma que entre meus colaboradores, via de regra, a percepção essencialista, que associa o gênero a um determinismo biológico que tudo explica e organiza na relação entre homens e mulheres, apareceu com bastante frequência evidenciando, justamente, a eficiência da norma e a potência pedagógica dos discursos que vamos assimilando desde os bancos escolares até as propagandas de cervejas, passando pelo mundo do trabalho (LUZZARDI; ZAGO, 2016).

Os homens com os quais interagi se assumiam todos como heterossexuais e, pelo menos textualmente, exerciam uma visão deslizante sobre masculinidades. Ora as afirmações traziam resíduos essencialistas, como me disse Leo, paulista vivendo no Rio, branco, 47 anos, empresário:

Porque por mais que você seja uma pesquisadora, por mais que você seja uma cientista social, uma antropóloga, você tem uma coisa no meio das suas pernas – desculpa falar desse jeito, mas eu sou bem direto e brincalhão nesse ponto, que te faz analisar de uma forma diferente que um homem analisa e vice-versa, entendeu?

Outras se mostravam muito conscientes da masculinidade como um lócus e um tropos de poder, isto é, construído linguisticamente e vivido dentro de relações sociais de poder: "Acredito que isso se deve à desconstrução do tipo ideal de que a mulher é a 'caça' e o homem o 'caçador'. Isso se deve a um maior debate sobre gênero", escreve César, 34 anos, negro, professor, sociólogo, mas, de certa forma, todos, em alguma medida, pareciam bastante seguros de que a masculinidade está associada mais ao plano biológico do que ao pedagógico. Paradoxalmente, avaliam que existem formas corretas de ser homem, admitindo que pode haver falhas no aprendizado.

Neste artigo, trago parte dos achados de uma etnografia feita no fluxo do on-line/off-line, por meio da qual mantive contato com homens de diferentes classes sociais, faixas etárias, ocupações, identificações étnicas-raciais e posições políticas, a maior parte deles residentes no estado de São Paulo. Interlocutores que compartilharam comigo suas experiências singulares, as quais procurei alocar em um cenário ampliado, levando a sério que o pessoal é político e tomando o político como elemento importante na modulação dos afetos.

2 NO CAMPO DOS AFETOS

Em novembro de 2015 criei meu perfil de pesquisadora no *Adote um Cara*. Idealizado na França em 2007, o *Adote* chega Brasil em fevereiro de 2015 se apresentando como “uma rede social descolada e divertida onde somente as meninas podem chegar nos caras! Para permitir que os caras entrem em contato com elas, as meninas devem falar com eles ou colocá-los no carrinho” (<https://www.adoteumcara.com.br/help#tab-content-1>).

Manuel Conejo e Florent Steiner, os dois jovens empreendedores franceses (ambos com 34 ano à época) que conceberam o site, que também funciona como aplicativo, assumiram claramente a linguagem mercadológica para o campo dos afetos amorosos e sexuais, uma vez que no *Adote* homens são anunciados em “promoções”, “produto sem procedência”, enquanto as mulheres são incitadas às “compras” (“coloque quantos você quiser no carrinho”).

Dois meses depois dos primeiros contatos de pesquisa filiei-me ao *Happn*, aplicativo que chegou ao Brasil rivalizando com o *Tinder*³, uma vez que ambos se valem das funções do Sistema de Posicionamento Global (GPS) para promover os encontros entre usuários/as. A diferença é que no *Happn* é possível perceber o circuito das pessoas, indicando quais lugares consomem e como se movem pela cidade.

A ocupação das cidades é, historicamente, determinada por relações desiguais de poder que implicam em setorizações que trazem marcas de classe e raça. Estas são muitas vezes apresentadas pelos homens com quem conversei como “questão de gosto”, assumindo-o como um elemento não político. De maneira que a dimensão estética aparece como algo individual, apartado dos valores socialmente referendados de classe, raça, sexualidade, geracionais e de padrões corporais.

Inicialmente não pensava em incluir o *Tinder* no rol dos aplicativos. Apesar de sua grande popularidade, o aplicativo não parecia aportar nada de instigante para meus fins de pesquisa. Estava errada. O aplicativo era o mais popular entre os meus interlocutores e a maioria absoluta ou o utilizava em conjunto com os outros dois aqui citados. Além disso, o *Tinder* mostrou-se um app para encontros sexuais rápidos e sem compromisso, diferenciando-se assim dos outros dois tidos, pela maior parte dos mais de 300 homens com quem interagi, como mais seletivos e que poderiam levar a relações mais consistentes.

Para compor meus perfis nos aplicativos citados escolhi cuidadosamente as fotos, selecionadas a partir de minucioso exercício reflexivo/imersivo por meio do qual avaliei como equilibrar um perfil convidativo e que, ao mesmo tempo, deixasse claro minhas intenções como pesquisadora. Usei toda a possibilidade iconográfica que aqueles aplicativos me oferecera. Vali-me da mesma linguagem publicitária, enxuta, quase slogans pessoais, acionadas pelos homens que se cadastram ali. No disputado mercado dos afetos on-line somos incitadas/os a constituir um “eu virtual” competitivo, o que implica saber se diferenciar a partir da criatividade textual e de certa convencionalidade corporal, a fim de obter um número maior de admiradores/as e, assim, lograr nossos intuitos.

3 Até janeiro de 2019 o *Tinder* se mantinha como o segundo aplicativo de paquera mais popular no Brasil, perdendo apenas para o *Badoo*. (Dados podem ser consultados em <https://forbes.uol.com.br/negocios/2016/11/tinder-e-aplicativo-de-relacionamentos-mais-baixado-do-mundo/>) Última consulta em 17/01/2019.

Quanto aos perfis dos interlocutores⁴, selecionei três faixas etárias: 30 a 39; 40 a 49; 50 a 60 anos. Os homens mais jovens, sobretudo aqueles na casa dos 30 anos, haviam crescido acompanhando as mudanças comunicacionais de forma mais direta, uma vez que vários deles não tinham acesso à internet em suas casas, mas sabiam de sua existência e potenciais usos, inclusive aqueles que poderiam contribuir com experiências emocionais e de sociabilidade distintas das que conheciam até então.

Na vida adulta, muitos destes rapazes, puderam dispor de conectividade em rede sem fio e portabilidade dos suportes com o uso de *notebook*, *smartphones* e *tablets*. A mobilidade e a conectividade perpétua (CASTELLS, 2011) passaram a compor as dinâmicas relacionais cotidianas, incluindo a forma de fruição dos espaços das cidades. Esta faixa etária compôs 51% de minha amostra no *Adote um Cara* (87 indivíduos); 34% no *happn* (98) e 47% no *Tinder* (50).

A segunda faixa de idade considerada nesta pesquisa contempla os homens nascidos entre os anos de 1966 e 1975. Estes eram jovens adultos quando o uso comercial da rede mundial de computadores se disseminou, de forma que tiveram esses usos para fins pessoais adiados, independente do pertencimento de classe, de maneira que as mídias digitais não foram referidas como centrais na constituição de seus desejos, como para a geração que veio em seguida.

Só em 2005 a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) passa a incluir dados sobre uso de celulares e acesso à internet, revelando que 20,9% das pessoas acima de 10 anos haviam acessado a rede pelo menos uma vez nos últimos três meses a contar da data da pesquisa. No mesmo ano, os dados revelavam que os acessos eram feitos em primeiro lugar de casa e em segundo, do local de trabalho e que quanto maior a escolaridade, mais se tinha acesso à WEB.

Ao cotejar esses dados aos que colhi em pesquisas etnográficas que venho desenvolvendo desde o doutorado (iniciado em 2003), trabalhei com a hipótese de que para os homens nascidos entre 1966 e 1975 o acesso à internet esteve, pelo menos em um primeiro momento, mais associado às atividades laborais do que as de lazer, sem descartar que estas últimas foram em tempo relativamente acelerado, ganhando centralidade nas suas conexões diárias.

Não foi incomum constatar ao longo de minhas pesquisas (PELÚCIO, 2009; PELÚCIO; RAMOS, 2013; PELÚCIO; CERVI, 2013; PELÚCIO, 2015; PELÚCIO, 2015a), que muitos destes experimentaram a erotização do ambiente de trabalho via internet, pois era desde os computadores de trabalho que encontravam brechas para acessar sites com conteúdo sexual ou mesmo entrar nas salas de bate-papo on-line. Percentualmente os homens desse exacto etário apareceram em minha pesquisa da seguinte forma: 23% no *Adote*; 36% no *Happn*; 37% no *Tinder*.

Por fim, foquei nos homens nascidos entre 1955 e 1965, aqueles que conheceram a internet quando já eram adultos. A porcentagem destes é menor: 10% (*Adote*); 27% (*Happn*) e 16% (*Tinder*). O cinema, a televisão, sobretudo, foram as mídias que, tendencialmente, mais interviram na forma como aprenderam a modular sentimentos, expressá-los, moldando comportamentos e conformando todo

⁴ Entre novembro de 2015 a junho de 2017 reuni 112 conversas realizadas via WhatsApp, com durações que variaram de algumas horas a meses. No mesmo período fiz contato com quase 300 homens que, de forma mais ou menos consistente, concordaram em participar da pesquisa

um horizonte de desejos bastante informados pela imaginação⁵ (APPADURAI, 2004).

Ser uma mulher na casa dos 50 anos, professora universitária, tida como branca, fazendo pesquisa sobre amor, sexo, segredos entre homens que se consideram heterossexuais me exigiu uma constante negociação com colaboradores no sentido de traçar as fronteiras entre pesquisa e os meus (e deles) interesses pessoais amorosos/eróticos. Por outro lado, estas mesmas características que me colocavam em zona de desconforto, muitas vezes, podiam ser atraentes e motivadoras para as conversas.

A etnografia que realizei me colocou em contato simultâneo com muitas vidas parceladas, sem que eu pudesse situá-las em contextos sociais significativos, quer dizer, que me ofereçam mais rapidamente pistas sociológicas orientativas. Ainda assim, foi possível mapear, nessas relações digitais, os códigos que, mesmo fluídos, carreguem marcas geracionais, de classe, raça e gênero que estão presentes também nas relações off-line.

As abreviações e gírias dos mais novos; a escrita que denuncia a pouca escolarização; a baixa autoestima que escapa em um comentário no qual avaliações estéticas falam de fato sobre cor de pele; o excesso de *emoticons*, pontuando frases ou as interpelações que ensaiam galanteios, trazem muitas pistas, mas poucas certezas de como irão se desenvolver as possíveis relações ou como devemos proceder para que isso ocorra (refiro-me ao desenvolvimento do contato).

3 MASCULINIDADES.COM E A DUPLA MORAL

A maneira como os homens com os quais mantive interlocução via aplicativos móveis manipulam as tecnologias em relação a seus afetos e desejos deixa transparecer tentativas de lidar de forma mais consistente com as expressões do feminino – resultantes da primeira fase da revolução sexual, examinando em si próprios os sentidos da masculinidade, sobretudo daquela que temos adjetivado como hegemônica (CONNELL, 1995; KIMMEL, 1998; VALE DE ALMEIDA, 2000; WELZER-LANG, 2001).

A Revolução Sexual, em sua primeira fase, sintetiza flagrantes transformações que, justamente, trazem para o debate público questões de fórum íntimo, relacionando-as a opressões e desigualdades que refletiram na forma como alguns segmentos eram percebidos socialmente, autorizando perseguições, quitação de direitos, desqualificações morais que precisavam ser enfrentadas. As estratégias de luta para tal tomaram o corpo, seus usos e prazeres, como *locus* político.

As estéticas transgressivas de gênero como a moda unissex, confundiam intencionalmente os gêneros; a minissaia, a calça jeans foram usadas como formas de contestação aos modelos burgueses de feminilidade/masculinidade e consumo; a incitação ao amor livre, por meio de formação de outros modelos de união amorosa/sexual, com a publicização, por exemplo, dos afetos entre pessoas do

⁵ Arjun Appadurai (2004) atribui centralidade às fantasias, sonhos e desejos alimentados pelas tecnologias de comunicação e propõe que mesmo as pessoas que vivem em países considerados "atrasados", assim como aqueles sujeitos vistos como "despreparados" para lidar com as mudanças tecnológicas da modernidade tardia, têm sido afetadas/os pela intensa circulação de informações, imagens e ideias. Seu conceito de "imaginação" procura dar conta justamente do papel que essas elaborações criativas, alimentadas por tantas trocas, ocupam na vida cotidiana e coletiva, revelando o potencial crítico desse processo, mas também se transformando em formas de trabalho, lazer, desejos, consumo, prazer.

mesmo sexo desafiava a ordem heterossexual; os cabelos longos dos rapazes enfrentavam a estética militar e belicista da época; o uso de substâncias de alteração da consciência que, de certa forma, se opunham ao racionalismo cientificista e ocidental, era somado à adesão de práticas e filosofias orientais. Comportamentos contestatórios que refletiam uma estética própria às adesões políticas de parte da juventude do final dos anos 1960 e dos anos de 1970.

A maior parte de meus colaboradores julga que houve muitos avanços para as mulheres e que elas seriam hoje mais independentes, “liberadas” sexualmente, “donas de si”. Observações que aparecem em diversas conversas em tom celebratório, mas que no decorrer das interações ganham, comumente, outros sentidos.

Esta festejada emancipação não parece trazer conforto para meus interlocutores na negociação dos encontros encetados por meio dos aplicativos, pois o que alegam com frequência é que muitas mulheres não têm conteúdo para levar adiante uma conversa, que reforçam o machismo ao exporem seus corpos por meio de fotos enviadas aos seus interlocutores, entre outras queixas que carregam, não raro, um tom vitimário, quase sempre associando a indiferença de suas pretendentes em relação a eles por não serem homens de posses ou por não parecerem suficientemente atraentes aos olhos delas. Esta última observação tende a associar a avaliação das mulheres sobre eles como superficial e fútil.

As mudanças nas relações de gênero, enaltecidas em alguns momentos, tendem a aparecer de forma mais problemática quando aprofundo os questionamentos. Muitas vezes, comportamentos tolerados entre homens não são bem aceitos quando são as mulheres que assim procedem. A conversa que tive com um de meus interlocutores é expressiva neste sentido.

Silvio nunca quis me adicionar ao WhatsApp por ser casado e considerar que meu acesso a seu número de celular era algo arriscado, de maneira que nossa interação se deu sempre pelo chat do aplicativo *Adote um Cara*. Ele comenta, certa feita, que no aplicativo: “As mulheres são piores que muitos homens”. Quero entender o que ele quer dizer com isso:

Não sendo puritano, apenas entendo que mulher que sai com qualquer um a qualquer hora, não vejo como boa companhia [...]. Quando tu encontras alguém que saiu com 4 em uma semana, ou ainda, está em dificuldade financeira ou toma 30 remédios, que tu achas?

Silvio estava tomando remédios e se achava em um momento emocionalmente complicado de sua vida, mas como outros homens não parecia ter empatia por mulheres que também estavam vivendo momentos complicados.

Mauro, 40 anos, morando em São Paulo; Adriano, 34, de Campinas (SP); Igor, 34, carioca; Luca, 35, paulistano morando em Bauru; Joe, 55, paulistano; Hélio, 31, nascido e vivendo em Araraquara, interior paulista; Sílvio, 36 anos, residindo em Porto Alegre, são alguns dos homens com os quais conversei que se declararam casados ou em relacionamento estável com mulheres em idades muito próximas a deles. Apesar de estarem fazendo uso de aplicativos em busca de aventuras, não imaginavam suas respectivas companheiras fazendo o mesmo enquanto mantivessem relações compromissadas com eles.

A dupla moral relaciona-se justamente a esses discursos por meio dos quais os homens entrevistados mostraram sentir que seu domínio no campo afetivo está ameaçado quando consideram que suas namoradas e esposas também podem estar flertando por meio digitais ou que as mulheres

com as quais estão conversando interessadamente por *WhatsApp* estão, provavelmente, falando com outros homens. Para os homens, acumular “transas” e mulheres gera um capital erótico que tende a torná-los mais atraentes no mercado dos afetos e os valora diante de outros homens:

César Bueno Franco (2015) mostra claramente este valor entre os homens que compuseram sua amostra. Ter tido relação sexual com diferentes mulheres é um dos quesitos valorados entre aqueles homens, a maior parte na casa dos 20 anos. Não ter conseguido sair com mulheres com fins de namoro ou sexo é o principal elemento de motivação para que esses rapazes tenham procurado o site brasileiro PUABase.com, que se configura como um fórum de discussões que busca ensinar homens a se tornarem conquistadores de mulheres.

Como tende a ser no mercado, a desigualdade como lei básica que rege o acesso aos bens materiais e simbólicos, para as mulheres conquistadoras e que acumulam relações sexuais/amorosas a contabilidade não tende a ser favorável, desvalorizando-as nessa arena concorrencial dos afetos.

4 CRUSHSE CRISES

Os homens com os quais mantive contato estavam se dando conta, não sem resistência da parte de muitos deles, de que precisam viver, trabalhar, se divertir e amar em uma sociedade na qual práticas e teorias feministas voltaram a ter expressão. Deparam-se com elas em seus perfis pessoais no *Facebook*, a partir de comentários, nem sempre bem-vindos, feitos por amigas e/ou colegas de trabalho; nos grupos de famílias ou de colegas no *WhatsApp*; em matérias e reportagens veiculadas nas mídias massivas ou simplesmente flertando em um aplicativo.

Diante dessas transformações flagrantes, assistimos a uma espécie de resistência “simpática” veiculada pelas diferentes mídias de entretenimento e pela publicidade. Por esses meios, modelos históricos de masculinidades têm sido sistematicamente reforçados: o atleta/esportista, o executivo destemido, o homem rude, mas honesto. Esses estilos desejados e desejáveis de masculinidades são também reforçados por discursos conservadores que fomentaram a pauta moral que levou, em 2018, à vitória presidencial um estilo de masculinidade tradicional e revanchista.

Enquanto eu pensava em masculinidades, afetos e tecnologias, as redes sociais digitais iam se mostrando cada vez mais um território de acirradas disputas políticas e morais. Somou-se a essas disputas a onda populista e anti-intelectualista que veio se avolumando desde 2011, com a eleição de uma mulher de esquerda para a presidência do país (MISKOLCI, 2018; RUBIN; ARGOLO, 2018; FERREIRA, 2018), mobilizando desafetos privados. As reações anti-igualitárias traduzidas em gritos contra os Direitos Humanos e pela reivindicação de um Estado autoritário, masculinista e amigo do Mercado, refletiu-se na intimidade dos lares e leitos. Refletiu-se também nos “grupos de família” do *WhatsApp* e tornou as mídias sociais digitais um terreno violento.

Da rede às ruas e no sentido inverso, as relações íntimas foram se encontrando com as manifestações políticas. “Feminista peluda”, “esquerdopata”; “reaça”; “macho escroto”, são ofensas que foram aparecendo em caixas de diálogos de aplicativos como *WhatsApp*, normalmente o segundo passo dado dentro do roteiro da paquera on-line.

Começaram também a aparecer em descrições de perfis de usuários e usuárias recusas claras a comportamentos associados posições políticas e, depois que esta pesquisa já havia terminado, alguns interlocutores com os quais mantive relações de amizade me diziam que as declarações de voto se tornaram comuns em *hashtags* que compunham textos de apresentação em aplicativos.

A inflexibilidade moral, percebida nas interações relativas a esta pesquisa, estão assentadas, quase sempre, em expectativas conservadoras sobre a capacidade de agência das mulheres, sobretudo na gestão da sexualidade. “Tivermos uma revolução sexual, no entanto, têm sido as mulheres, e não os homens, as grandes pioneiras sexuais” (GARCIA, 1998, p. 42), afirmava no final dos anos de 1990 Sandra Mara Garcia, com quem tendo a concordar em larga medida.

Foram as feministas, em suas diversas vertentes, que reivindicaram o direito ao orgasmo, ao sexo não procriativo, a viverem mais livremente sua sexualidade – fosse com homens ou outras mulheres –, buscaram e defenderam mais experiências sexuais, isto é, experimentaram diferentes corpos, ampliando a possibilidade de também os homens viverem mais intensamente sua sexualidade. Porém, chegamos à segunda década do século XXI enfrentando retrocessos e lidando com resistentes persistências acerca da liberdade sexual feminina.

Para Mike, 52 anos, servidor público federal, com nível superior e pós-graduação em Economia, autodeclarado branco, “carioca da gema”, apesar de toda a emancipação algumas mulheres ainda performam o que ele chamou de

[...] o lado mulherzinha. E os homens são meio incomodados com essa contradição. “Ah, ela tem opinião sobre tudo, ela decide muitas coisas, ela também tem que ser protagonista, também tem que ter várias possibilidades, antes reservadas para os homens, para ela”; mas por outro lado ela, em tendo isso, não assume completamente o papel de ser independente, o papel de resolver coisas... então, eu acho que há um pouco essa contradição. (em resposta gravada em áudio pelo WhatsApp em 18/09/2016).

Não foram poucos os homens que, como Mike, apontaram as contradições dos comportamentos das mulheres no presente. Observações que carregam a suposição de que mulheres e homens dispõem, independente dos constrangimentos sociais, políticos, culturais e históricos, das mesmas possibilidades para lidarem com as exigências de autonomia nas diversas esferas da vida (amor, trabalho, família, finanças, vida sexual). Como se dependesse apenas delas, mulheres, como indivíduos liberais, agirem instituindo uma nova ordem simétrica entre os gêneros.

Não são profundamente consideradas as desigualdades estruturais que despotencializaram as mulheres como seres tão racionais como homens, o que deriva de uma educação emocional bastante eficiente que nos ensina de forma coercitiva a sermos cordatas, delicadas, passivas, passionais; e quando não correspondemos a essas características, não raro somos taxadas de “loucas”, “histéricas”, “mal-amadas”.

Tampouco se está levando em conta a inserção desigual de homens e mulheres no campo laboral não só em relação às oportunidades, como aos ganhos financeiros. O protagonismo feminino em qualquer frente precisa ser conquistado, verbalizado, anunciado, dado a ver, ao contrário do masculino, já suposto.

As inquestionáveis conquistas de direitos que muitas mulheres ocidentais encontraram para além das diferenças de classe e raça (nada desprezíveis) têm sido desafiadas por resistências que estão no plano da cultura que obstaculizam conquistas jurídicas. Mesmo mulheres estando à frente de lares como figura de referência⁶, sobretudo nas classes populares, ou ocupando postos de trabalho qualificados, alcançando maior nível de formação do que homens, esses recursos não são garantidores de respeito social, de segurança física e emocional. A emancipação emocional feminina enfrenta obstáculos simbólicos bastante eficientes.

5 UM *MACHCOM* O CONSERVADORISMO

Nas diversas interações que mantive ao longo desta pesquisa, os homens mostraram-se conscientes das estruturas machistas que orientam a própria constituição de masculinidades, o que não implica transformações efetivas na maneira de se comportarem nas relações com mulheres. Porém, essa consciência os tem levado, ainda que de forma pouco elaborada, a refletir sobre questões de gênero.

A heteronormatividade como regime regulador de corpos e subjetividades mostrou sua potência discursiva, apesar de/e por meio do pânico moral acionado pelos discursos conservadores que atribuem às homossexualidades e aos feminismos os perigos de dissolução moral. Talvez o exemplo mais loquaz dessa inflexão conservadora seja o da campanha contra a chamada “ideologia de gênero”. O irônico desta nomeação é que o próprio argumento de seus adeptos é tão ideológico quanto o que eles criticam.

Argumentam que os debates sobre gênero e sexualidade, sobretudo, se levado no âmbito da educação formal, comprometeriam a formação de famílias heterossexuais e procriativas, pois a diluição de papéis claros entre masculino e feminino corromperia a infância e colocaria em xeque a própria integridade social, sendo que “provocaria a alteração das pautas morais e desembocaria na destruição da sociedade” (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 1). Teme-se não só que estruturas hierárquicas de gênero sejam abaladas, mas que com isso, a própria heterossexualidade, como sinônimo de ordem social, seja desafiada.

Penso que por isso a declaração da então ministra Damares Alves (Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos) tenha gerado tanta polêmica. A “nova era” que a ministra disse que estava a inaugurar no dia de sua posse (2/1/2019) é um projeto político conservador, o qual não apenas aposta no retrocesso das conquistas de movimentos feministas, de mulheres, LGBT, transexuais, travestis, como

⁶ Segundo as Estatísticas de Gênero - Uma análise dos resultados do Censo Demográfico (IBGE) – em 2010, 38,7% dos 57,3 milhões de domicílios brasileiros eram comandados por mulheres. Um aumento de 13% em relação a 2000. “Nas famílias formadas pelo responsável sem cônjuge e com filho(s), as mulheres foram maioria na condição de responsável (87,4%). O critério para definir a pessoa responsável pela família é de que aquela pessoa seja reconhecida como tal pelos demais membros do domicílio”. (<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/10/mais-mulheres-assumem-a-chefia-das-familias-revela-pesquisa-do-ibge>).

atribui aos direitos adquiridos a responsabilidade por vivermos numa “era” que precisa ser renovada. O binário de gênero expresso em sua afirmação “Meninos vestem azul e meninas vestem rosa” é a metáfora cromática das reiteraões das hierarquias entre homens e mulheres (inclui-se aqui todas as expressões do feminino).

Nisso, há a configuração de uma gramática moral que consegue reduzir os medos e as desesperanças de pessoas comuns a uma tirania do óbvio: “menino nasce menino; menina nasce menina”; “em defesa das crianças”; “as famílias devem ser ouvidas na educação de seus filhos”. (DESLANDES, 2019, p. 2-4).

O paradoxo é que todas essas reiteraões de uma suposta ordem natural dos sexos e dos gêneros compromete o que os grupos conservadores alegam defender: heterossexualidade. A reforçada incommensurabilidade entre homens e mulheres mostrou-se em meu campo um elemento de tensões que perturba os encontros e a pactuação de relações mais harmoniosas. Justamente porque essa dicotomia profunda inviabilizaria relações duradouras e felizes.

Onde não há possibilidade de compreensão do outro, não há simetria, quando esta falta, a parceria fica frágil. Essa fragilidade convive com a incitação ao consumo de experiências prazerosas que, como esta etnografia mostrou, não têm colaborado para a construção de relações mais igualitárias entre homens e mulheres no campo emocional.

Vigiar privilégios adquiridos nem sempre é uma ação consciente, mas nunca é inocente. O que meus dados mostram é que mesmo com toda a reflexibilidade característica do presente, há resistências que aparecem assentadas na tradicionalidade quando se fala em relações de gênero. Meus interlocutores raramente assumiram esse aspecto tradicional, mobilizando valores que referendam modelos antigos de feminilidade como os religiosos, por exemplo. Preferem Darwin a Deus.

Partem, mas frequentemente, para o pseudocientificismo de uma fisiologia específica que marca os gêneros e se fundamenta nas vias microscópicas do cérebro e na invisibilidade dos hormônios. Vão para as essencializaões mitigando os efeitos sociais, políticos e culturais que têm moldado as relações de gênero. Por mais críticos que muitos deles sejam à vaga conservadora, nem sempre conseguem transpor essas posiões para o plano das relações afetivas. Este não é deslocamento fácil, pois tende a colocá-los em um terreno pouco conhecido no qual terão que lidar com suas próprias vulnerabilidades.

O regime heteronormativo tem dificultado o *match* entre homens e mulheres e, por outro lado, favorecido o *crush* entre o conservadorismo e as ansiedades contemporâneas.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>. Acesso em: 12/02/2020
- DESLANDES, Keila. **Sobre disputas anti-igualitárias e políticas públicas**: mais argumentos para o debate. *Interface*. Botucatu, 2019. p. 23: e190067. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2019.v23/e190067/>. Acesso em: 12/02/2020
- GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. *In*: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehau; MEDRADO, Benedito (Org.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: Ecos: Editora 34, 1998.
- GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a marcha das vadias no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 433-447, maio-ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v29n2/07.pdf>. Acesso em: 12/02/2020
- FRANCO, César B. **Como conquistar mulheres?** - masculinidade e subjetivação em uma comunidade virtual. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/38321/R%20-%20D%20-%20CESAR%20BUENO%20FRANCO.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 12/02/2020
- ILLOUZ, Eva. ¿Por qué duele el amor? Una explicación sociológica. Traducción de María Victoria Rodil. Buenos Aires: Katz. 2012.
- ILLOUZ, Eva. **Don't be my valentine**: are couples becoming a thing of the past? Israel: Haaretz, 2013.
- JARDIM, Maria C.; MOURA, Paulo J. C. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. **Tomo** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Universidade Federal do Sergipe, n. 30, p. 151-196, jan.-jun. 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/6712>. Acesso em: 12/02/2020

KIMMEL, Michael. S. A produção de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos** – Corpo, Doença e Saúde. Porto Alegre, ano 4, n. 9, pp. 103-117, out. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf> Acesso em: 12/02/2020

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 12/02/2020

LUZZARDI, Luciana do Espírito Santo; ZAGO, L. F. Educação e diversidade: pedagogias de gênero nas relações de trabalho. Seminário Internacional de Educação, 15, Novo Hamburgo-RS. **Anais...**, Novo Hamburgo-RS: Editora Feevale, 2016. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/5ba9f647-fba9-4548-b44d-ac337956a63a/Educa%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o%20e%20diversidade%20pedagogias%20de%20g%C3%83%C2%AAnero%20nas%20rela%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es%20de%20trabalho%20.pdf>. Acesso em: 12/02/2020

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. Ideologia de gênero: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-748, dec. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v32n3/0102-6992-se-32-03-725.pdf> Acesso em: 12/02/2020

PELUCIO, Larissa. **Abjeção e desejo - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo-SP: Editora Annablume, 2009.

PELUCIO, Larissa. Amor em tempos de aplicativos: notas afetivas e metodológicas sobre pesquisa com mídias digitais. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloisa; SABATINE, Thiago. (Org.). **No Emaranhado da Rede - gênero, sexualidade e mídia**: desafios teóricos e metodológicos do presente. São Paulo, SP: Annablume, 2015a. v. 1. p. 81-108.

PELUCIO, Larissa. Narrativas infiéis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas. **Cadernos Pagu**, v. 1, p. 31-60, 2015b. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n44/pt_0104-8333-cpa-44-00031.pdf. Acesso em: 12/02/2020

PELUCIO, Larissa; RAMOS, Aline. Gênero, sexualidade e mídias digitais: expressão de corpos e desejos nos aplicativos móveis para a promoção de encontros sexuais e afetivos. Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, 6, 2014, Juiz de Fora. **Anais...**, Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade, 2; Encontro gênero e diversidade na escola, 2. Juiz de Fora: Center Gráfica e Editora, 2014. v. 1. p. 499-513.

PELUCIO, Larissa; CERVI, Mariana. Traições, pequenas mentiras e internet: conjugalidades contemporâneas e usos de mídias digitais. **Revista Científica Gênero na Amazônia**, v. 1, p. 25-51, 2013. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32707808/Pelucio_e_Cervi_Traicoes_pequenas_mentiras_e_internet.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DPelucio_e_Cervi_Traicoes_pequenas_mentir.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20200212%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20200212T100402Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=776bdb2c59f27f18786f228c9e7a-23ee594d69229de48c5948207b99ec94512f Acesso em: 12/02/2020

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de Si – uma interpretação Antropológica da Masculinidade**. Lisboa: Fim de Século. 2000.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>. Acesso em: 12/02/2020.

Recebido em: 30 de Outubro de 2019

Avaliado em: 5 de Novembro de 2019

Aceito em: 10 de Novembro de 2019



A autenticidade
desse artigo pode ser
conferida no site
<https://periodicos.set.edu.br>

Este artigo deriva da tese de livre docência defendida em 23 de fevereiro de 2018 com o título Amor em tempos de aplicativos - Masculinidades heterossexuais e a negociações de afetos na nova economia do desejo. A pesquisa obteve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

1 Professora de Antropologia do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus Bauru; Professora adjunta.
E-mail: larissa.pelucio@unesp.br



Este artigo é licenciado na modalidade
acesso abertosob a Atribuição-Compartilha
Igual CC BY-SA

